

Polícia expulsa os invasores de Santa Rita

Santa Rita
V.F.



Joecir Secreta

No clima de pânico que se instalou no local, muitos não resistiram à emoção e desmaiaram

Na tarde violenta, o perigo da morte

Tião Barbosa

Por pouco não houve morte: mais de 50 invasores ameaçaram linchar dois policiais civis, um dos quais havia corrido atrás de um deles dando-lhe pauladas, justificando depois que o posseiro o teria ofendido "verbalmente".

A reação dos invasores só ocorreu depois que um deles afirmou: "A Polícia Militar falou que é para eles (os dois civis) apanharem sozinhos". Esta afirmação também foi ouvida por um policial civil, que justificou depois: "Os PMs não gostam dos civis".

Se a referida afirmação pode ser rebatida pelos policiais militares, o mesmo não acontece com o procedimento que tiveram. Tão logo viram o repórter e o fotógrafo, se apressaram em sair do local: "Vamos embora, aí vem o jornal. Deixem eles (os civis) por aí".

SEM DOCUMENTO

Quando os invasores foram em direção aos dois civis, um deles, identificado apenas por Sebastião, armou-se de um pedaço de pau de mais de um metro. O outro, o delegado Antônio Mendonça, do 15º Distrito (Novo México), segurou o revólver, exibindo-o claramente. Para Mendonça, contudo, não foram as armas que evitaram uma agressão:

"Eu sou conhecido de todos, pois moro em Santa Rita. Então, consegui conversar com eles, e mostrar-lhes que não queremos violência". Este mesmo delegado reconheceu, mais tarde, que seria tudo resolvido se fosse atendida a reivindicação dos invasores — a apresentação de um documento de posse da área —, afirmando, porém, que esta atitude representaria um "rebaixamento" dos policiais.

TÁBUAS QUEIMADAS

As madeiras estavam sendo recolhidas em dois caminhões. Um dos motoristas negou que fosse empregado de Nilton Copolillo, que se declara proprietário da área. Contudo, os caminhões, de números 06 e 10, eram exatamente iguais aos estacionados na oficina de máquinas pesadas de Copolillo, também na rodovia Carlos Lindenberg.

Elas seriam queimadas. Esta foi a primeira resposta do delegado Antônio Mendonça, corrigida logo após: "Serão incineradas. Ou melhor, doadas a uma instituição de caridade. De hoje em diante, agirei desta forma. É uma maneira dessas pessoas ajudarem a instituições como a Fesbem".

Os documentos de posse, segundo ele, estavam na Delegacia de Vila Velha: "Eu vi os documentos, e o delegado Osires disse que são hábeis". Esta opinião de Antônio Mendonça choca-se com a comissão — invasores e membros da Comissão de Justiça e Paz — que está tentando esclarecer a quem, pertence o mangue.

Sebastião Bretas, suplente de vereador pelo PMDB, é um

dos integrantes da comissão: "Na Prefeitura, não há nada registrado em nome do Copolillo. Já pedimos e nada consta disse. No Serviço de Patrimônio da União, também nada há. Se apresentarem o documento de posse, todos sairão imediatamente".

Bretas pretendia que tudo fosse esclarecido ainda ontem, com a presença do juiz Paulo Copolillo à reunião no Movimento Comunitário de Santa Rita, às 19 horas. Contudo, procurado no Fórum de Vila Velha, para uma resposta sobre sua presença na reunião, o juiz não foi encontrado.

Os policiais que ontem expulsaram os invasores portavam revólveres e metralhadoras. Um deles (civil), identificado apenas por Sebastião, foi o único a espancar um invasor, José Messias de Souza, que teve ferimentos nos dois cotovelos e ficou com uma marca vermelha, de pancada, nas costas.

O mesmo policial defendeu-se mais tarde: "Ele me ofendeu, me xingou. Eu pedi que retirasse suas tábuas, e ele me disse um palavrão. Irritei-me, peguei um pedaço de pau e saí atrás dele" — o policial civil o perseguiu por mais de 20 metros, dando-lhe pauladas nas costas.

Fora isso, apenas muito tumulto, várias ameaças de prisões e dois desmaios. O primeiro, de Edvaldo Teixeira, foi justificado por uma pessoa de sua família: "O policial chegou gritando com ele. Ele tem 'problemas', e acabou desmaiando". Apesar dos boatos de que teria sido espancado por policiais, o próprio Edvaldo desmentiu-os.

Ivo — com 17 pontos em dois dedos da mão, resultado do espancamento do dia 11 último — também desmaiou. Igualmente, não foi espancado, mas teve um ataque epilético. Antes, ele havia discutido muito com policiais militares, um dos quais o acusou de ser ladrão: "Eu te conheço daqui de Santa Rita, sei que você é ladrão". Um outro civil o aconselhou a sair do local: "Com Polícia não se discute, senão acaba sendo preso".

Enquanto os invasores usavam como argumento, serem pobres e não terem onde morar, os policiais afirmavam que eles estavam sendo apenas "usados", tanto por "agitadores esquerdistas contra o regime" como por "terceiros", conforme afirmação de um policial:

"Eles (os invasores) são inocentes. Estão apenas seguindo agitadores, líderes contra o regime. A maioria, contudo, também só está aqui para assegurar terreno para pessoas ricas. Sei de casos que o invasor está recebendo Cr\$ 100 mil, mais a despesa da semana, para garantir o terreno. Depois, virá a pessoa rica que está pagando e ficará com o lote, que, no mínimo, vale mais de Cr\$ 2 milhões".

Meios de se provar a necessidade declarada por um lado e as acusações da outra parte, inexistem. Indicativos, talvez. Um deles é a presença de uma camioneta na invasão, onde as pessoas lutam igualmente por um pedaço de terra mas não demonstram qualquer pobreza.

Policiais civis e militares, fortemente armados, desalojaram, ontem, à tarde, os ocupantes de um mangue à beira da rodovia Carlos Lindenberg, no bairro Santa Rita, obrigando-os a derrubar os barracos já prontos ou em fase final de construção e a retirar do local madeiras e outros materiais destinados a novas construções. A expulsão dos posseiros começou às 16 horas e houve muita confusão, com alguns querendo resistir à ordem de derrubada dos barracos e muitas ameaças por parte dos policiais.

Quem comandou a expulsão dos invasores foi o delegado Antônio Mendonça, do 15º Distrito (Novo México), à frente de cerca de 20 policiais civis e militares. Por volta das 18 horas já não havia vestígios da ocupação. O delegado Osires Mendes, da Delegacia de Vila Velha, chegou em meio à operação e acompanhou a derrubada dos barracos, feita pelos próprios invasores sob ordem dos policiais, alguns destes bastante nervosos e gritando muito.

Da tentativa de ocupação da área vinham participando cerca de mil pessoas, desde o último dia 8. O trecho, que fica entre a rodovia Carlos Lindenberg e a estrada de acesso ao porto de Capuaba, está parcialmente aterrado. Três dias depois de iniciada a invasão, policiais civis estiveram no local e entraram em choque com os invasores (20 deles dizem ter sido espancados, sendo que 16 foram levados a exame de corpo de delito).

Durante a operação policial de ontem, algumas pessoas se feriram e duas desmaiaram.

Com a expulsão, o fim de um sonho pós-eleitoral

Apesar do receio de um policial — "eles podem recomeçar tudo amanhã" — terminou ontem a invasão no bairro Santa Rita. Com ela, morreu também a esperança de um novo bairro, o bairro Camata, conforme gritos e cartazes que os invasores usaram ontem para hostilizar os policiais que derrubaram os barracos em construção.

Gerson Camata, contudo, ainda representa esperanças para os invasores, principalmente depois que líderes do PMDB — o deputado federal Max Mauro prometeu apoiar as cerca de mil famílias, no sentido de esclarecer a quem pertence a área — afirmaram que farão tudo para os posseiros conseguirem se instalar no local.

Joecir Secreta



Invasor exhibe cartaz sugerindo nome do bairro